

## Concepções da Infância em Clarice Lispector

Mestre Luciana Pires<sup>1</sup> (IPUSP)

### Resumo:

*Observamos os movimentos da criança no caminho da construção de sua identidade, a partir da relação com sua família e entorno, tal qual descritos nos contos “Menino a Bico de Pena” e “Miopia Progressiva” de Clarice Lispector.*

**Palavras-chave:** Clarice Lispector, psicanálise, crianças.

Gostaria primeiramente de agradecer à Abralic e à organização do simpósio de Literatura e Psicanálise pela oportunidade de pôr em texto meu encantamento pelas crianças dos contos de Clarice Lispector.

Pretendo tratar a relação constitutiva da criança com sua família e entorno – tema caro à psicanálise de crianças –, a partir principalmente de dois contos da autora, primeiramente publicados como crônicas no *Jornal do Brasil* e então compilados no livro *A Descoberta do Mundo*, e posteriormente publicados no livro de contos *Felicidade Clandestina*. São eles: “Menino a Bico de Pena” (1969) e “Miopia Progressiva” (1970). (“Menino a Bico de Pena” aparece também na segunda parte de *Legião Estrangeira, Para Não Esquecer*, com o nome de “Desenhando um Menino”).

Em “Menino a Bico de Pena”,<sup>2</sup> vemos um menino de idade entre 6 e 12 meses (acabaram de nascer seus primeiros dentes e começa a andar) dar os primeiros e cambaleantes passos no sentido da construção de uma identidade – corporal e linguageira. Pouco ou quase nada acontece factualmente, mas importantes e irreversíveis mudanças se operam no diálogo do menino com sua mãe e o espaço de sua casa.

A ironia<sup>3</sup> dá o tom a esse conto, deixando antever uma posição crítica acerca do desenvolvimento infantil humano. Acompanhamos – coisa rara na obra clariciana – o movimento progressivo<sup>4</sup> do menino do não dizer-se em direção ao situar-se no discurso. Diz a autora: “E assim continuará progredindo até que, pouco a pouco (...) ele passará do tempo atual ao tempo cotidiano, da meditação à expressão, da existência à vida”.

O narrador, que se apresenta hesitante em sua vontade ou mesmo possibilidade de desenhar (e – por que não – escrever sobre) o menino, acompanha seu progresso com uma visão marcadamente pessimista, caracterizando-o como deterioração (“Para conhecê-lo tenho que esperar que ele se deteriore, e só então estará a meu alcance.”); domesticação (“Um dia o domesticaremos

---

<sup>1</sup> Luciana Pires, mestre pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, e-mail luciana.pires@uol.com.br.

<sup>2</sup> O conto é um “tratado” sobre o desenvolvimento infantil. Nele encontramos referência aos três processos iniciais do desenvolvimento, de acordo com o pediatra e psicanalista infantil inglês Donald Winnicott, quais sejam: 1. integração das vivências, 2. personalização ou alojamento no próprio corpo, 3. realização, isto é, apreciação de espaço e tempo, capacidade de sentir que o mundo é real. Essas tarefas, ainda segundo o autor, são auxiliadas por dois conjuntos de experiências: a técnica do cuidado infantil e as experiências pulsionais pontuais. (Winnicott, 1945)

<sup>3</sup> Olga de Sá em seu livro *A Escritura de Clarice Lispector* diz que, na obra de Clarice, ao lado das epifanias de beleza e visão existem as epifanias irônicas, isto é, epifanias críticas e corrosivas, epifania do mole e das percepções decepçionantes (apud Rosenbaum, 1999).

<sup>4</sup> Ver mais adiante a noção de anti-Odisséia e apelo regressivo como uma frequente na obra de Clarice Lispector.

em humano, e poderemos desenhá-lo”); “sacrifício”; traição e prostituição (“sua segurança é saber que tem um mundo para trair e vender, e que o venderá”); aprisionamento (noção sugerida a partir da imagem das “grades da cama”, última imagem que o menino guarda de seu tempo de vigília antes de adormecer) e finalmente como pesadelo (“Até que, em pesadelo súbito, uma das palavras que ele aprendeu lhe ocorre: ele estremece violentamente, abre os olhos”). A lembrança da palavra aprendida é em si o pesadelo que arranca o menino do sono sereno!<sup>5</sup>

São dois os primeiros esboços identitários que sustentam o menino no conto: de um lado, temos “o retrato de O Menino” na parede (“o que o mantém de pé é exatamente prender a atenção ao retrato alto, olhar para cima lhe serve de guindaste... o retrato que o sustenta...”), e, de lado oposto, temos “a baba clara” que lhe escorre da boca quando ele cai (“Então, de olhos bem abertos, lambe a baba que pertence ao menino. Ele pensa bem alto: menino.”).

De um lado, sua imagem tal qual projetada de fora e emoldurada por seu contorno social, de outro, suas entranhas, suas vísceras postas para fora e tornadas visíveis. Lacan, em seu texto de 1949, “O estágio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica”, fala de um menino de 6 a 8 meses que, também cambaleante, se defronta com sua imagem no espelho, imagem essa que lhe oferece uma experiência de unidade e integração de si mesmo, a qual se sobrepõe à vivência fragmentada tal qual vivida de dentro. Assim, postula-se o movimento alienante como inerente à construção da imagem do eu e simultaneamente fundador de uma cisão entre a experiência de si mesmo tal qual vivida de dentro e a experiência compartilhada, nomeada, desenhada.

Quando o menino se reconhece na baba e nomeia-se, a mãe, na escuta, pergunta por quem ele está chamando. E, mais uma vez, o menino cai procurando fora de si, em seu entorno, esse alguém que a mãe diz que ele está chamando. Em outro momento, o menino reconhece o *fonfon* de seu coração na barriga e nomeia-o. Dessa vez, a mãe acredita que é a uma buzina que passou na rua que ele se refere e parabeniza-o pelo aprendizado. Desse modo, as palavras do menino no conto são interpretadas como eleidade pela mãe, a partir de referenciais externos. Ele fala de si, da sua baba, de seu coração, de seu interno e a mãe remete-o a adventos externos, ressaltando o caráter alienante do processo.

A baba clara que escorre do menino remete-nos “às gemas amarelas e viscosas” que escorriam dos ovos quebrados da sacola de compras de Ana, no conto *Amor*, após deparar-se com a visão de um homem cego que mascava chicletes. A aproximação do menino do conto em questão à figura de um ovo<sup>6</sup> nos parece pertinente, especialmente se levarmos em conta o comentário que Maria Helena Werneck<sup>7</sup> tece a respeito do conto “O Ovo e a Galinha”:

“Diante de uma coisa como um ovo (“O ovo não tem um si mesmo”), diferente da galinha porque essa “tem muita vida interior”, afere-se o cuidado, tomado pelo narrador em não entendê-lo, porque entendê-lo seria incorrer no erro de buscar vida interior, concebida como essência verdadeira de uma aparência circunstancial.”

Entender o ovo o quebraria e o privaria de sua umidade interior, tal qual se dá com o menino.

Aliás, assim como no conto “Amor”, nos dois contos que analisamos, estamos sob a égide da “obsessão clariciana pela visão”, como nomeia Yudith Rosenbaum em seu livro *Metamorfoses do Mal*. Quando pestaneja, o menino cai, perdendo sua conexão identitária com seu retrato na parede, e baba. Entre seu retrato e a baba, o caminho humanizante, apoiado pelos cuidados e falas da mãe, se dá pela adoção do primeiro eixo identitário em detrimento do segundo. A umidade de suas entranhas, onde bate o coração *fonfon* e de onde escorre a baba, é higienizada e seca pelos cuidados humanizantes, restando um bebê sequinho de propaganda de fraldas.

“... A mãe puxando-o de baixo para cima e depois de cima para baixo, levantando-o pelas pernas, inclinando-o para trás, puxando-o de novo de

<sup>5</sup> Fala-se, pois, da violência da entrada do sujeito na linguagem e na cultura.

<sup>6</sup> Ressonâncias “galináceas” se escutam no próprio título do conto com as palavras “bico” e “pena”.

<sup>7</sup> No *Prefácio* da décima edição de Felicidade Clandestina.

baixo para cima. Em todas as posições o menino conserva os olhos bem abertos. Secos como a fralda nova.”

A mãe no anseio de dar palavras e figurabilidade ao menino assassina a “finíssima linha de extrema atualidade em que ele vive”. Essa experiência nos remete em abismo associativo às frases que, no conto “Legião Estrangeira”, a narradora dirige a Ofélia diante do pinto amado e morto: “Oh, não se assuste muito! às vezes a gente mata por amor ... a gente não ama bem...”

Apenas em um breve momento do conto, o discurso porta a voz do menino, que diz: “farei de tudo o que for necessário para que eu seja dos outros e os outros sejam meus, pularei por cima de minha felicidade real que só me traria abandono, e serei popular, faço a barganha de ser amado, é inteiramente mágico chorar para ter em troca: mãe.” Esse enunciado retoma o mote clariciano do sujeito selvagem, só e abandonado contraposto a uma vida domesticada, a um cotidiano regrado e alienante.

No início do conto, o narrador, na tentativa receosa de definir o menino, diz “O que conheço dele é a sua situação: o menino é aquele em quem acabaram de nascer os primeiros dentes e é o mesmo que será médico ou carpinteiro.”. Alguns pontos saltam à vista: em primeiro lugar, a constatação irônica do pouco que se conhece haja vista a situação extremamente imprecisa que se apresenta, um porvir indefinido, uma profissão por escolher. Por outro lado, é frisada a condição de continuidade e permanência do menino, que é o mesmo com os dentes a nascer ou já adulto profissional.

Outro ângulo a se explorar é o das duas profissões que são igualadas com indiferença: médico ou carpinteiro. O médico que trata de corpos humanos e o carpinteiro que trabalha e modela a madeira. Corpo humano e madeira são assim equiparados como alvo da ação transformadora humana. Como afirmou Freud (em “O Ego e o Id” de 1923) “O eu é, basicamente, corporal”. Assim sendo, as marcas identitárias que o encontro com o outro produz no indivíduo assentam-se sobre o corpo. Na linha irônica do narrador do conto em questão, podemos pensar que a mãe opera no corpo do menino uma modelagem tal qual o carpinteiro sobre sua madeira. Lembramos da figura do carpinteiro Gepeto que produz para si um filho/neto de madeira, fruto engessado de sua idealização. Fica aqui evidente o caráter de reificação que o cuidado humano (e materno) pode conter.

Ofélia, garota adultizada, miniatura de adulto do conto “Legião Estrangeira”, por exemplo, encontra-se presa a um mundo de verdades indubitáveis, prisioneira de uma tradição familiar. José Américo Motta Pessanha retrata o mundo de Ofélia como “um mundo fictício feito só de soluções definitivas (...), mundo sem surpresas, resolvido, sem mistérios – morto, (...) pura tradição, puro tempo cristalizado, puro culto da memória habitando pequeno corpo de criança-múmia.”

A pediatra e psicanalista infantil francesa Françoise Dolto (1908-1988), ao longo de sua extensa obra – que inclui desde livros conceituais e teóricos até programas radiofônicos e palestras para todo tipo de profissionais da área da infância –, alertou, diversas vezes, para o risco de que a criança, desrespeitada em seu ritmo e estilo próprio, seja “obrigada” a desempenhar papéis idealizados pelos pais. Em uma entrevista, ela afirma:

“Muitos pais costumam programar seus filhos como a compra da máquina de lavar, da televisão (...). Ora, jamais estamos preparados para a surpresa do desconhecido que um ser humano representa. (...) Seria possível concluir dizendo que é a criança que transforma um casal em pai e mãe; concordo que eles dão o ‘sinal verde’ à criança concebida (...). Decidem: “Olhem só, estamos prontos para aceitar o desconhecido que é uma criança ...”” (*Quando surge a criança*, tomo III, Editora Papirus, pp 7-10)

Sigamos para o segundo conto, “Miopia Progressiva”. Nele, encontramos um tom levemente mais otimista, na medida em que aponta para alguma alternativa de reaproximação (mesmo que assintoticamente) da autenticidade do sujeito pré-alienação. No conto em questão, o encontro do si mesmo com o mundo desejante familiar ganha outras alternativas para além do trágico desenlace de “Menino a Bico de Pena”, qual seja, a perda de contato com o si-mesmo originário.

Vemos um garoto que se esforça por predizer o movimento de seus familiares em sua direção, movimento esse que tem a atribuição de dizer quem ele é. “Num estado de permanente incerteza”, continuamos a assistir o movimento alienante da constituição do eu, que se resume no paradoxo: cabe aos outros dizer o que eu sou.

“Se era inteligente, não sabia. Ser ou não inteligente dependia da instabilidade dos outros. Às vezes o que ele dizia despertava de repente nos adultos um olhar satisfeito e astuto. (...) Assim pois quando era inteligente, tinha ao mesmo tempo a inquieta sensação de inconsciência: alguma coisa lhe havia escapado. A chave de sua inteligência também lhe escapava.”

Ele nunca conseguia mapear o campo interpretativo familiar. Graças à instabilidade misteriosa dos outros de sua família, ele se desentendia deles e de si mesmo. Não sabia o que era.

Quando achava que tinha entendido o que nele provocava o movimento de admiração de sua família, marcado por pontuações exclamativas ‘oh! que inteligente!’, imitava a si mesmo, repetia seu gesto, numa tentativa de apoderar-se de si mesmo. Mas é repetidamente fracassado em suas tentativas de réplicas de si mesmo.

“Às vezes, pois, ele tentava reproduzir suas próprias frases de sucesso, as que haviam provocado movimento no tabuleiro de damas. Não era propriamente para reproduzir o sucesso passado, nem propriamente para provocar o movimento mudo da família. Mas para tentar apoderar-se da chave de sua “inteligência” (...) E, ao repetir uma frase de sucesso, dessa vez era recebido pela distração dos outros.”

Sua inteligência, como se vê, de sua não tinha nada. No jogo, que o tabuleiro prenuncia, ele sempre perdia. “Em suma, eles se entendiam, os membros de sua família; e entendiam-se à sua custa.” Seus familiares-jogadores, mestres do disfarce, se entendiam às custas de seu desentendimento profundo, venciam-no sadicamente, às custas de seu fracasso.

É desse modo que sua miopia surge e progride. Pois nesse conto é a miopia que vemos progredir, aos moldes de uma “Odisséia negativa, ou seja, uma viagem de retorno à pulsão primordial”, característica da obra de Clarice, como nos aponta Rosenbaum. Não é apenas o mundo externo que perde nitidez, ele mesmo também encontra-se fora de foco.<sup>8</sup>

“Um pouco nervoso, diziam (...). Mas “nervoso” era o nome que a família estava dando à instabilidade de julgamento da própria família. Outro nome que a instabilidade dos adultos lhe dava era o de “bem comportado”, “dócil”. Dando assim um nome não ao que ele era, mas à necessidade variável dos momentos.”

Vemos o garoto como um ser bastante desconfiado dos feedbacks que seu entorno lhe oferecia, acostumando-se a viver na penumbra, sem, no entanto, nunca desistir de conhecer as regras do jogo, de pertencer<sup>9</sup>, sem nunca desistir de passar a existir. As lentes de seus óculos encarnam sua vontade de atribuir figurabilidade estável aos outros e por conseguinte a si mesmo.

---

<sup>8</sup> Vale um paralelo com o personagem interpretado por Robin Williams, no filme *Desconstruindo Harry* de Woody Allen, que é o de um ator que um dia amanhece fora de foco, o que dificulta, beirando a impossibilidade, seus trabalhos de filmagem e representação.

<sup>9</sup> “PERTENCER

Um amigo meu, médico, assegurou-me que desde o berço a criança sente o ambiente, a criança quer: nela o ser humano no berço mesmo já começou.

Tenho certeza de que no berço a minha primeira vontade foi a de pertencer. Por motivos que aqui não importam, eu de algum modo devia estar sentindo que não pertencia a nada e a ninguém. Nasci de graça.

Se no berço experimentei essa fome humana, ela continua a me acompanhar pela vida afora, como se fosse um destino. (...)

(...) Quem sabe se não comecei a escrever tão cedo na vida porque, escrevendo, pelo menos eu pertencia um pouco a mim mesma.

(...)

“Quando homem, manteve o hábito de pestanejar de repente ao próprio pensamento, ao mesmo tempo que franzia o nariz, o que deslocava os óculos – exprimindo com esse cacoete uma tentativa de substituir julgamento alheio pelo próprio...”

Foi quando lhe disseram que iria passar um dia com uma prima sem filhos e pôs-se a planejar o dia da visita. Ele imaginou que o amor sem realização da prima o unificaria finalmente: “durante um dia inteiro, ele seria julgado o mesmo menino”, ele seria apenas um, afinal. Tal qual um mãe grávida, o garoto gestava a visita à prima.

Mas o encontro o surpreende: a prima tem um não-previsto dente de ouro que desequilibra “toda a construção antecipada”, e, ocupada em seus afazeres domésticos, a prima deixa-o livre para brincar, antes mesmo de oferecer-lhe qualquer pré-julgamento. “O que deu ao menino, assim de chofre, um dia inteiro de vazio e cheio de sol.” Dia inteiro de vazio e cheio de sol. “Mas à medida que o sol subia, a pressão delicada do amor da prima foi se sentindo.” E o vazio ensolarado, “o dia inteiro, sem nenhuma palavra”, transmutou-se em pressão delicada de amor, no “amor sem a prévia gravidez” da prima. A esse amor delicado, a esse vazio ensolarado, diz o narrador, faltava a gravidez “que já é em si um amor materno realizado”, época em que a mãe ‘sonha’ seu bebê, compondo idealizações fantasiosas (e narcísicas) a seu respeito. A proposta de Clarice é radical: o amor com gravidez confunde, sufoca, o amor sem gravidez liberta. Ou ainda, a falta é clara e fecunda, a presença confunde e sufoca.

Mediante essa atenção com liberdade, sustentado por esse horizonte amoroso não invasivo que a prima lhe oferece, dá-se “o relance mais profundo e simples que teve da espécie de universo em que vivia e onde viveria”, o menino pela primeira vez vê “claramente o mundo”. “Foi apenas como se ele tivesse tirado os óculos, e a miopia mesmo é que o fizesse enxergar”, “com a fixidez reverberada de cego”. A visibilidade última estaria na não nitidez, no embaçamento míope, na cegueira, naquilo que não tem contornos, que não se desenha.

Ou, como diz Olga Borelli a respeito da obra clariciana, “a criação não é uma compreensão, é um novo mistério”<sup>10</sup>.

## **Referências Bibliográficas**

- [1] Dolto, Françoise. “Tanto o pai quanto a mãe devem desejar a criança (Bebês programados ou bebês surpresa?). In: \_\_\_\_\_ *Quando surge a criança: Tomo III*. Campinas, Editora Papirus, p 7-14.  
[2] Freud, Sigmund (1923). “O Ego e o Id”, In: \_\_\_\_\_ *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, vol. 19, 1990, pp. 11-83.

---

Quase consigo me visualizar no berço, quase consigo reproduzir em mim a vaga e no entanto premente sensação de precisar pertencer. Por motivos que nem minha mãe nem meu pai podiam controlar, eu nasci e fiquei apenas: nascida.

No entanto fui preparada para ser dada à luz de um modo tão bonito. Minha mãe já estava doente, e, por uma superstição bastante espalhada, acreditava-se que ter um filho curava a mulher de uma doença. Então fui deliberadamente criada: com amor e esperança. Só que não curei minha mãe. E sinto até hoje essa carga de culpa: fizeram-me para uma missão determinada e falhei. Como se contassem comigo nas trincheiras de uma guerra e eu tivesse desertado. Sei que meus pais me perdoaram eu ter nascido em vão e tê-los traído na grande esperança. Mas eu, eu não me perdoo. Queria que simplesmente se tivesse feito um milagre: eu nascer e curar minha mãe. Então, sim: eu teria pertencido a meu pai e minha mãe. (...)

A vida me fez de vez em quando pertencer (...). E então eu soube: pertencer é viver. Experimentei-o com a sede de quem está no deserto e bebe sófrego os últimos goles de água de um cantil. E depois a sede volta e é no deserto mesmo que caminho.” (crônica de Clarice Lispector no *Jornal do Brasil* de 15 de junho de 1968, presente no *A Descoberta do Mundo*)

<sup>10</sup> Borelli, Olga. *Clarice Lispector: Esboço para um Possível Retrato*, apud Rosenbaum, 1999.

- [3] Lacan (1949). “The Mirror Stage as Formative of the Function of the I as Revealed in Psychoanalytical Experience”. In: \_\_\_\_\_ *Ecrits. A Selection*. London, Tavistock Publications, 1977.
- [4] Lispector, Clarice (1968). “Pertencer” In: \_\_\_\_\_ *A Descoberta do Mundo*. Rio de Janeiro, Rocco, 1999.
- [5] Lispector, Clarice (1969). “Menino a Bico de Pena”, In: \_\_\_\_\_ *Felicidade Clandestina: Contos*. Rio de Janeiro, Editora Francisco Alves, 1996.
- [6] Lispector, Clarice (1970). “Miopia Progressiva”, In: *Felicidade Clandestina: Contos*. Rio de Janeiro, Editora Francisco Alves, 1996.
- [7] Lispector, Clarice. “Amor”, In: \_\_\_\_\_ *Laços de Família: Contos*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1983.
- [8] Lispector, Clarice. “A Legião Estrangeira”, In: \_\_\_\_\_ *A Legião Estrangeira*, Rio de Janeiro, Rocco, 1999.
- [9] Pessanha, José Américo Motta. “Clarice Lispector: O Itinerário da Paixão”. *Remate de Males*. Campinas, Unicamp, 1989.
- [10] Rosenbaum, Yudith. *Metamorfoses do Mal: Uma Leitura de Clarice Lispector*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1999.
- [11] Werneck, Maria Helena. “Indisfarçados Tesouros”, In: Lispector, Clarice, *Felicidade Clandestina: Contos*. Rio de Janeiro, Editora Francisco Alves, 1996.
- [12] Winnicott, Donald. (1945) “Desenvolvimento Emocional Primitivo”, In: \_\_\_\_\_ *Textos Seleccionados: Da Pediatria à Psicanálise*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1993, p. 269-86.